



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

V Seminário Interdisciplinar
de Ensino, Extensão e Pesquisa

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

“ELE CORTOU COM UMA FACA O QUE NOS MANTINHA UNIDOS E NÓS NOS DESPEDAÇAMOS”: AS REPRESENTAÇÕES DOS MÉTODOS COLONIAIS INGLESES NA NIGÉRIA A PARTIR DA NARRATIVA DE CHINUA ACHEBE

Darlene Santos Magalhães ¹
Edmar Ferreira Santos ²

Resumo: Este artigo constitui-se de análises parciais da pesquisa intitulada “Ele cortou com uma faca o que nos mantinha unidos e nós nos despedaçamos”: as representações dos métodos coloniais ingleses na Nigéria a partir da narrativa de Chinua Achebe. Na referida pesquisa, discutimos o processo de colonização vivenciado pelos povos Igbos, grupo étnico da Nigéria.

Palavras-chave: Colonialismo; Representação; Colonizador/Colonizado; Métodos Coloniais.

Introdução

A República Federal da Nigéria está situada na porção ocidental do continente africano. Seu território é composto por 36 estados e sua capital é Abuja. A Nigéria apresenta uma expressiva diversidade linguística e étnica e os seus principais povos são os Haussás, os Fulanis, os Iorubas, os Igbos e outros. O idioma oficial nigeriano é o Inglês, entretanto, juntamente com ele, é falada uma diversidade de mais de 200 línguas nativas. A religiosidade e os cultos são bem diversos, nessa Nigéria, marcada pela diversidade, convivem as crenças tradicionais, o Islamismo e o Cristianismo (VISENTINI, 2011).

Os limites geográficos e as formas econômicas e políticas do país são frutos da colonização realizada pelos ingleses, a partir do final do século XIX. A Nigéria ficou sobre Protetorado da Inglaterra por pelo menos 60 anos. O modelo de administração adotado pelos ingleses para administrar o vasto território nigeriano foi à administração indireta, e isso possibilitou as elites nigerianas a permanecerem no poder, sobretudo, os povos do norte. E a prevalência de um determinado grupo no poder, em detrimento de outro, intensificou os conflitos étnicos, políticos e religiosos (NUNES, 2005; VISENTINI, 2011).

Mesmo com toda a diversidade étnica da Nigéria, nosso recorte são os povos Igbos, representados no romance “O mundo se despedaça”, de Chinua Achebe. Os Igbos,

¹ Graduada em História pela UNEB/Campus VI. Especializanda em Educação e Diversidade Étnico-Racial, na mesma instituição.

² Doutorando e Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

em sua grande maioria, estavam organizados em pequenas aldeias, com base num sistema de laços familiares. A pátria deles é o sudeste da Nigéria.

No clássico “O mundo se despedaça”, Chinua Achebe mostrou as especificidades dos povos igbos, ao contar, com riqueza de detalhes, o dia-a-dia de Umuófia, uma aldeia tradicional africana. Assim como toda sociedade, essa aldeia tinha suas próprias normas, era regida pela tradição e administrada pelos homens mais velhos e que dispunham de títulos honoríficos. Para os povos igbos, a religião desempenhava coesão social, e todos os atos realizados ao longo do dia eram feitos de modo a não interferir na harmonia entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. O sistema econômico da aldeia tinha o inhame como principal produto de cultivo, inclusive, o prestígio social dos homens em Umuófia era medido pelo tamanho das plantações de inhame.

Essa caracterização permaneceu assim por muito tempo, até a chegada do colonizador branco, conforme nos conta Achebe. A vinda do colonizador alterou profundamente o cotidiano de Umuófia e aldeias vizinhas, pois ele trouxe consigo os costumes, os valores e as instituições sociais europeias, que ocasionaram na ruptura do mundo tradicional igbo. “O mundo se despedaça” ilustra o choque cultural entre os povos igbos e os ingleses durante o Colonialismo.

Chinua Achebe nasceu em 16 de novembro de 1930, na cidade de Ogidi, no leste da Nigéria. “Era igbo de nascimento, falava sua língua materna em casa e na vila onde morava; também era cristão, pois seu pai fora um dos primeiros pregadores nomeados e convertidos da região” (NUNES, 2005, p.11). Sua experiência e de sua família, no contexto colonial inglês, possibilitou-o aprender a cultura do colonizador e frequentar escolas de educação europeia. Esse encontro de culturas, fruto do processo colonial, tornou a sua formação intelectual e cultural bastante rica.

O escritor formou-se em Letras na University College Ibadan (1948-1953), uma instituição de ensino superior filiada à metrópole inglesa. Nos seus tempos de estudante, ele notou que a África e os africanos eram mostrados de uma forma caricaturada, primitiva e carregada de preconceitos. Além disso, nos textos que lia e nas abordagens



curriculares, prevalecia sempre o discurso eurocêntrico, que vendia a imagem de uma África longe da civilização (NUNES, 2005, p.11).

Nesse sentido, Chinua Achebe surgiu para escrever uma história pela ótica do colonizado, pois acreditava que o seu papel era contestar a visão reducionista e estereotipada daqueles povos. Assim, começou no mundo da literatura, considerando sempre que o discurso literário contribuiria para contar a história do seu povo, cooperando ainda para a afirmação da sua identidade (NUNES, 2005).

O mesmo autor se dedicou a escrever vários gêneros literários, como ensaios, contos, novelas e, principalmente, o romance que colocou o seu nome entre os maiores escritores africanos de todos os tempos. Dentre os seus romances mais famosos, podemos destacar: *Things fall apart* (1958), *No longer at ease* (1960), *Arrow of good* (1964) e *A man of the people* (1966). (NUNES, 2005).

A literatura produzida por Achebe está inserida no grupo das literaturas pós-coloniais. Em suma, a produção literária proveniente de sociedades colonizadas, como o caso da África, recebe a denominação de pós-colonial, pois “emergiu da experiência da colonização, se firmou na tensão com o poder imperial e, atualmente, se destaca por suas diferenças dos pressupostos da metrópole” (BONNICI, 2005, p.12 apud HOFIUS, 2015, p. 20).

No campo das literaturas pós-coloniais, temos o estágio das narrativas de resistências. Esse campo foi inaugurado por Chinua Achebe, com a obra “*Things fall apart*” (1958). As narrativas de resistência têm, como premissa, “dá uma resposta às representações colonialistas da África e dos africanos, reclamando para si o direito de narrar seu próprio passado” (FRASER, 2000 apud CARBONIERI, 2013, p. 21).

Metodologia

Nas últimas décadas do século XX, a escrita da história passou por algumas transformações, as quais ampliaram o universo das fontes para a investigação histórica e fizeram emergir uma mudança marcante, a proximidade entre história e literatura.



Sandra Pesavento (2003), em suas reflexões sobre o uso da literatura como fonte para a história, destaca que, apesar de ser fruto da imaginação do autor, o texto literário, na maioria das vezes, está imerso no contexto em que foi produzido. As narrativas ficcionais são de grande relevância e nos possibilita conhecer outras versões da história, diferente da oficial.

Sabemos que o discurso é fruto de todo o contexto que o produziu. A partir dele, é possível ter acesso à ideologia dominante da sociedade, aos conflitos e, enfim, é possível investigar várias questões do mundo social. Assim, “empreender a análise do discurso significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu” (GREGOLIN, 1995, p. 20).

Resultados e Discussão

O Imperialismo foi um fenômeno de expansão política, territorial, econômica e cultural, que tomou forma em fins do século XIX e início do século XX. Uma das maiores justificativas para o fenômeno imperialista é a motivação econômica. Ele foi resultante do desenvolvimento do sistema capitalista e ocasionou na divisão territorial de zonas distantes entre as nações capitalistas (HOBBSAWM, 1988).

Hannah Arendt (1989), uma das principais teóricas do fenômeno imperialista, explica que as características básicas deste foram o expansionismo, a burocracia colonial e o racismo. O expansionismo, além de relacionar-se à questão econômica, é também de cunho político e, nesse sentido, a raça e a burocracia foram elementos essenciais para a dominação de povos estrangeiros. Foi necessário transferir o poder político às colônias como estratégia para dominar os vastos territórios. A polícia e o exército adquiriram o status de representantes dos estados europeus e, por meio da violência, legitimaram-se a posse da terra e dos nativos das áreas conquistadas.

Na política imperialista, os interesses econômicos foram justificados com teorias ideológicas, que viam os europeus destinados a levar a civilização e modernizar as



sociedades colonizadas. Essas teorias materializaram, também, a polarização centro e periferia. Assim sendo, o mito da inferioridade cultural, juntamente com o racismo, foram fatores que favoreceram os dominadores. Bonnici (2005) destaca que o centro (metrópole) era caracterizado como lugar da “civilização da ciência, do progresso”, ao passo que a periferia (colônia) “era sinônimo de selvageria, ignorância e atraso cultural” (BONNICI, 2005, p. 230).

A princípio, os discursos de enaltecimento da civilização europeia foram levados para os povos nativos através das obras de evangelização realizadas pelos missionários. Em suma, esse grupo de pessoas foi o primeiro a adentrar o continente africano. Esse fato pode ser confirmado, parcialmente, em nossa análise, como consta no trecho seguinte: “os missionários tinham chegado a Umuófia; ali construíram uma igreja, lograram algumas conversões e já começavam a enviar catequistas às cidades e aldeias vizinhas” (ACHEBE, 2009, p. 163).

A conversão religiosa de algumas pessoas nativas causou bastante desconforto na aldeia, em especial, entre os mais velhos. Além do mais, a religião do colonizador desestruturou a vida no clã, como nos diz o ancião igbo Obierika.

O homem branco é muito esperto. Chegou calma e pacificamente com sua religião. Nós achamos graça nas bobagens dele e permitimos que ficasse em nossa terra. Agora, ele conquistou até nossos irmãos, e o nosso clã já não pode atuar como tal. Ele cortou com uma faca o que nos mantinha unidos, e nós nos despedaçamos (ACHEBE, 2009, p.198).

A partir da fala do ancião Obierika, podemos inferir que a religião africana era um dos principais elementos de unidade do clã, assim, com a chegada do Cristianismo, esse clã foi “despedaçado”.

A difusão da religião cristã foi uma das primeiras ações desenvolvidas pelos missionários ingleses e, juntamente com ela, vieram outras instituições sociais europeias, que, na visão do inglês, modernizariam a vida no clã. A presença de escolas, igrejas e tribunais de modelo ocidental em Umuófia e aldeias vizinhas impactaram negativamente a vida dos igbos. No trecho seguinte, Achebe (2009) evidencia o ritmo de mudança ocasionado pelas ações do Comissário Distrital e dos missionários em Umuófia e aldeias vizinhas.



Se o povo de Umuófia se negasse a mandar seus filhos à escola, viriam forasteiros de outras áreas para governá-la. Finalmente os argumentos do sr. Brown começaram a surtir efeito. O número de alunos em sua escola aumentou (...). Bastavam alguns meses de frequência para que alguém se tornasse mensageiro ou mesmo funcionário de escritório do tribunal. Aqueles que nela permaneciam por mais tempo transformavam-se em professores; e de toda Umuófia chegavam os trabalhadores às vinhas do Senhor. Novas igrejas estabeleceram-se nas aldeias vizinhas e, com elas, algumas escolas. Desde os primeiros tempos, a religião e a educação andaram de mãos dadas (ACHEBE, 2009, p. 203-204).

Quando a estratégia do diálogo não funcionava, o colonizador contava com o poder das armas, pois, juntamente com a escola e a igreja, vieram à polícia e o tribunal para disciplinar e zelar pela ordem e bom funcionamento dos territórios habitados pelos Igbos. Dentre as várias funções desempenhadas pelo Comissário Distrital, estava a tarefa de julgar e, quase sempre, os nativos sofriam com o abuso de poder. O trecho a seguir ilustra a atuação da polícia e o cotidiano daqueles que desobedeciam as normas do homem branco:

[...] Além da igreja, os homens brancos trouxeram também uma forma de governo. Tinham construído um tribunal, onde o comissário atuava como juiz. Tinha guardas sob suas ordens, que lhes levavam os indivíduos a serem julgados [...] Tomavam conta da prisão, que estava cheia daqueles que haviam ofendido a lei do homem branco (ACHEBE, 2009, p. 196-197).

Notamos que a presença de um sistema de leis estrangeiras tirou o direito de aplicar a justiça conforme a tradição local da sociedade. Os guardas, nomeados como kotma, cuidavam do bom convívio entre os missionários e as pessoas dos clãs, e sempre que algo fugia do controle, as pessoas envolvidas na desordem eram levadas à sede da administração para sofrer a punição de acordo com a justiça inglesa.

As instituições sociais estiveram a serviço da colonização dos igbos, graças aos discursos de enaltecimento dos valores do povo inglês e ao rebaixamento da cultura e costumes nativos. Chinua Achebe mostra que o encontro entre os nativos e os missionários ingleses foi marcado por uma série de preconceitos. Segundo os missionários, os igbos

[...] adoravam falsos deuses, deuses de madeira e de pedra (...). Disse-lhes ainda que o verdadeiro Deus habitava nas alturas e que, ao morrerem, todos os



homens teriam de comparecer perante Ele para serem julgados. Os homens maus e todos os pagãos, que, em sua cegueira, se prostravam perante deuses de madeira e de pedra, seriam jogados numa fogueira que queimavam com óleo de palma (ACHEBE, 2009, p.165).

Os julgamentos dos missionários se mostraram carregados de preconceitos, pois eles não conheciam a religião dos Igbos, mas julgavam-na comparando com a sua crença. Além do mais, o Comissário Distrital tinha uma postura racista, como podemos notar no fragmento seguinte: “Para ele, as coisas eram brancas ou pretas. E as pretas eram decididamente más. Via o mundo como um campo de batalha, na qual os filhos da luz estavam sempre travando mortais conflitos contra os filhos da treva (ACHEBE, 2009, p. 206).

Pelo exposto, observamos que o sr. Smith associava os costumes e práticas daqueles povos como algo ruim. Para ele, aquela aldeia era permeada por forças ocultas e o seu trabalho era levar a luz àquelas pessoas. Entretanto, apesar de todo o poder de persuasão dos missionários e do Comissário Distrital, os igbos não assistiram a colonização passivamente. Para testar o poder da crença do homem branco, eles ofereceram um pedaço da Floresta Maldita para a construção da igreja missionária, conforme consta no fragmento a seguir:

Todo clã e toda aldeia tinham sua “Floresta Maldita”. Nela enterravam-se aqueles que morriam de moléstias verdadeiramente malignas, como a lepra e a varíola. Era também uma espécie de terreno de despejo, onde se jogavam os poderosos amuletos dos grandes curandeiros, quando estes morriam. Uma “floresta maldita” estava, portanto, povoada de forças sinistras e dos poderes da escuridão. E foi justamente uma dessas florestas que os mandatários de Mbanta ofereceram os missionários. Pois, na realidade, não queriam que permanecessem no clã e, por isso, fizeram uma oferta que ninguém em perfeito estado de saúde mental aceitaria (ACHEBE, 2009, p. 169-170).

Nesse terreno, onde os Igbos consideravam a morada dos espíritos malignos, surgiu a primeira igreja missionária e, juntamente com ela, começaram as primeiras conversões para a religião do branco. Nos primeiros tempos, a convivência com os nativos foi pacífica, porém, assim que a nova crença começou a criar raízes naquele clã, começaram a surgir conflitos envolvendo as duas religiões. Alguns dos convertidos passaram a violar determinadas regras do clã, e essa violação estava relacionada à perseguição e profanação de símbolos sagrados da cultura igbo.



Os igbos cultuavam vários deuses, como Ani (deusa da terra), Ifejioku (deus do Inhame) e Amadiora (deus do trovão), no entanto, eles acreditavam que todas essas divindades estavam subordinadas ao deus maior, Chukwu. A sociedade dos igbos era agrícola, eles cultuavam as forças da natureza e, principalmente, a terra, da qual vinha o sustento de todo o clã. Acreditavam que o ritmo da natureza poderia ser alterado, caso não vivessem em harmonia e com grande devoção à terra que habitavam (ACHEBE, 2009, p. 203).

Todavia, as novas formas de interpretar o mundo, vindas das instituições sociais europeias, impactaram a religiosidade dos igbos, a forma de viver e toda sua identidade cultural. As alterações se deram em diferentes esferas sociais e foram irreversíveis em Umuófia. A religião do colonizador cortou os laços que uniam a todos.

Um desses primeiros impactos foi a quebra da organização social. Após a chegada do Cristianismo, todas as pessoas que sofriam de certa invalidez na sociedade igbo se sentiram seduzidas pela religião branca. Além das mães dos gêmeos e seus filhos, os cristãos passaram a adotar os ‘párias’ e os ‘osus’ nas reuniões religiosas. Os osus e párias poderiam ser comparados a escravos, pois não tinham direitos e ocupavam uma esfera marginal.

Os impactos negativos também vieram no plano da justiça. Em Umuófia, a justiça era realizada pelos egwugwus, pessoas de títulos e de grande prestígio social, que usavam máscaras dos ancestrais para julgar os crimes dos aldeões. Além de desempenhar o papel de juízes, os egwugwus tinham um significado religioso, pois o uso da máscara tornava-os seres sacralizados e também representava uma forma de não serem tendenciosos ao aplicar as penas.

Os crimes julgados pelos egwugwus eram diversos, como: crimes envolvendo a terra, briga entre marido e mulher, assassinatos, invasão de propriedades por animais, crimes de guerra, violação da semana da paz, profanação da máscara de um ancestral, matar animais venerados e outros.

Após a chegada do estrangeiro, mudaram-se as regras de justiça, pois os povos igbos, de certa forma, perderam a autodeterminação do clã. A justiça aplicada pelos



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

ingleses era corrupta, eles eram favoráveis àqueles que dispunham de maior poder aquisitivo. Segundo a tradição igbo, um assassinato tinha o exílio como pena; com a presença estrangeira, tal crime passou a ter a execução do seu autor como pena; e aqueles que cometiam crimes envolvendo os adeptos da nova religião eram julgados de acordo com a justiça do homem branco (NUNES, 2005).

Considerações finais

A partir do discurso literário de Chinua Achebe, observamos que a escola, a igreja e os tribunais foram extremamente importantes no processo de colonização dos povos igbos. Dessa forma, os discursos oficiais e o forte proselitismo dos missionários ingleses foram determinantes para converter parte daqueles povos à visão de mundo europeia cristã. De igual modo, os instrumentos de coerção foram importantes para controlar os nativos. Em resumo, compreendemos que o olhar de preconceito e estranhamento dos ingleses para os povos igbos esteve em sintonia com as representações negativas da África e dos africanos no contexto imperialista.

Referências

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. Tradução: Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das letras, 2009 [1958].

ARENDT, Hannah. Imperialismo. In: *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BONNICI, Thomas. Introdução aos estudos das literaturas pós-coloniais. **Mimesis**, n.1, v. 19. Bauru, 1998. Disponível em: https://secure.usc.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v19_n1_1998_art_01.pdf Acesso: 04.10.2018.

_____. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: EDUEM, 2005.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

CARBONIERI, Divanize. Rumos do romance africano de língua inglesa na contemporaneidade. **Revista investigações**. vol. 26, nº 1, janeiro/2013.

FERNANDES, Cleudemar. “A Noção de Discurso: discurso ideologia efeito de sentido”. In: **Análise do Discurso. Reflexões introdutórias**. Edição Revista e Ampliada, Brasil, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do Discurso: Conceitos e aplicações. **Alfa**, São Paulo, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967>
Acesso: 31.10.2018.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

HOBBSAWM, Eric. A era dos impérios. In: **A Era dos Impérios (1875-1914)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOFIUS, Elidete Zanardini. **A jornada mítica de Okonkwo, o herói achebiano de O mundo se despedaça**. 2015. Dissertação- Mestrado em Teoria Literária. Curitiba. Disponível em: https://www.uniandrade.br/docs/mestrado/pdf/dissertacoes_2015/ELIDETE_DISSERTAcO.pdf
Acesso: 08.06.2018.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NUNES, Alyxandra Gomes. **Thing fall apart de Chinua Achebe como romance de fundação da literatura nigeriana de língua inglesa**. 2005. Dissertação - Mestrado em Teoria e História Literária. Campinas/São Paulo. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269860/1/Nunes_AlyxandraGomes_M.pdf
Acesso: 13.08.2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. Pelotas. nº. 14. Setembro de 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30220>
Acesso: out/2017.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **Nigéria**. Brasília: Thesaurus Editora, 2011. Disponível em: <http://funag.gov.br/loja/download/794-Livro-na-Rua-Nigeria.pdf>
Acesso: 30.10.2018.